

**REQUERIMENTO Nº 2005**

(Da Sra. Fátima Bezerra e outros)

Requer a convocação de Sessão Solene no dia 10 de novembro de 2005, às 10 horas, na qual será rememorada a Insurreição Comunista ocorrida em 1935 em Natal, Recife e Rio de Janeiro.

Senhor Presidente,

Dentro dos termos regimentais, inclusive do ponto de vista da representação, com base no art. 68 do Regimento Interno, requeremos, ouvido o plenário, a convocação de sessão solene desta Casa para o dia 10 de novembro de 2005, às 10 horas, a fim discutir o significado histórico da Insurreição Comunista ocorrida em Natal, Recife e no Rio de Janeiro, em novembro de 1935.

**JUSTIFICATIVA**



2F55F09903

Em novembro próximo, completará 70 anos a Insurreição Comunista que eclodiu em Natal, Recife e Rio de Janeiro, em 1935. Esta é uma boa oportunidade para celebrarmos seus heróis, os conhecidos, mas também os anônimos, que pagaram com a vida o empenho na luta por um país mais justo e mais igual. Também é um momento para revermos o Levante e, através dele, refletirmos sobre a trajetória da história social e política brasileira.

Os anos trinta são fundamentais na história política de nosso país. Ele marca a entrada dos trabalhadores urbanos na cena pública, sendo admitidos como interlocutores pelos vitoriosos da Aliança Liberal que levou Getúlio Vargas ao poder. Para os trabalhadores é um período de efervescência política, o movimento sindical está em ascenso e os sindicatos eram organizados pelos militantes do Partido Comunista, formados no discurso ideologizado e sectário da frente única.

Nesse contexto, os trabalhadores não se mantiveram nos limites da cidadania do trabalho. Ultrapassaram a marca divisória posta pela legislação varguista e buscaram atuar na cena pública. Contudo, não se pode afirmar que houvesse definição ideológica no conjunto dos trabalhadores. Pode-se aludir a táticas e estratégias apenas se referenciadas aos grupos vinculados ao PCB. Fundado em 1922, o PCB encontra-se fortalecido pela participação nas eleições de 1928 que lhe deu grande penetração no proletariado urbano através dos sindicatos. Os movimentos sociais ocupam a cena, greves de trabalhadores urbanos desafiam o governo Vargas.

A fundação da Aliança Nacional Libertadora em março de 1935 inaugura um período de organização de massa, inédito em nossa história. Reuniu ex-tenentes, comunistas, socialistas, democratas e liberais. Também convergiram setores da classe média, estudantes e trabalhadores.



As consignas Deus, Pátria e Família X Terra, Trabalho e Liberdade, interpunham integralistas e comunistas. Diante do avanço do integralismo, os comunistas substituem a tática de frente única, pela frente popular contra o fascismo. A ANL que tinha Luis Carlos Prestes como presidente de honra, defendia um programa nacionalista de reformas sociais, econômicas e políticas que incluía a reforma agrária. Aproveitando o apoio da sociedade à causa antifascista, Prestes lança, em julho de 1935, um manifesto pedindo a renúncia de Vargas. Em represália, o governo decretou a ilegalidade da ANL.

A revolta começou dia 23 em Natal com a sublevação do 21º BC. A escolha das datas permanece obscura em meio às versões disponíveis. O movimento pôs em fuga o Governador Rafael Fernandes e todo o Secretariado e constituiu uma Junta Revolucionária que permaneceu no poder durante três dias. Além disso, tentou se expandir para o interior do estado, para onde partiram caravanas da capital com a função de destituir os Prefeitos locais.

No dia seguinte, em Recife, se rebelaram duas unidades militares com a adesão de trabalhadores, sendo logo dominadas. Gregório Bezerra, um dos líderes, foi preso e torturado. Transferido para a ilha de Fernando de Noronha, foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional a 28 anos de prisão. Três dias depois, no Rio de Janeiro sublevou-se o 3º Regimento de Infantaria, na praia Vermelha, e a Escola de Aviação, no Campo dos Afonsos. Dois batalhões, sob o comando do capitão Agildo Barata, buscaram sair às ruas, mas foram impedidos.

Decretado o Estado de Sítio, rebeldes e simpatizantes são caçados, perseguidos, presos, torturados, mortos. Prestes fica na prisão até 1945 e sua mulher judia, Olga Benário é entregue à Gestapo, polícia política nazista, e morre em um campo de concentração da Alemanha em 1942.



Gregório Bezerra, Graciliano Ramos, e muitos trabalhadores são presos e transportados para Fernando de Noronha..

Estes eventos estão relacionados à cultura de rebelião que vinha se formando desde os anos 20, com o protagonismo de militares, do qual a Coluna Prestes é exemplar. A Aliança Liberal nos anos 30 protagonizou uma inédita mobilização em todo o Nordeste, atraindo setores de uma classe média emergente, e trabalhadores, para seus comícios. Apesar da posição contrária dos dirigentes do PCB, muitos militantes aderiram à Aliança Liberal.

O ponto comum aos três movimentos é a participação determinante do PC, mesmo que jamais assumida oficialmente pelo partido. Em Natal foi publicada uma carta com o título-exortação: Delenda, Fascismo! Olhado com olhos de hoje, pode soar voluntarista, um movimento com aquelas características. Ele só pode ser compreendido no contexto de intensa agitação social, rebeldia dos militares e presença ativa do PCB.

A realização da Audiência Pública, possibilitará a reflexão sobre esse evento singular de nossa história política. Também fornecerá a chance de lançarmos um olhar crítico sobre o Século XX do qual este conflito é apenas um dos episódios. A disputa entre comunistas e anti-comunistas foi a marca central daquele século. Aqui, o debate entre os dois projetos de sociedade deu o tom. A guerra fria é produto dessa disputa, que extrapola o campo da política e incide sobre as áreas da cultura e das relações internacionais. A compreensão dos eventos de 1935 passa também pela utopia comunista.

O conflito entre comunismo e anticomunismo forneceu bases políticas e sociais para a tradição anticomunista na sociedade brasileira. Tradição que se alimentou da difusão, pelo Estado e pensamento conservador, de versões apócrifas sobre 1935. O conjunto de representações resultante, originou vigoroso imaginário anticomunista, que pontua o espaço da



política, especialmente nas campanhas eleitorais. As construções sobre a Insurreição Comunista, forjaram o agressivo anticomunismo brasileiro, respaldando atitudes repressivas contra ações e práticas de esquerda em nosso país.

Não cabe julgarmos os homens e mulheres que se empenharam nessa rebelião. Mas é importante lembrar sua ousadia, capacidade de sonhar e de lutar pela utopia de um outro Brasil. É a partir da ação dos homens e mulheres, inspirados em interesses e motivações, que se dá forma à sociedade. Os anos 30 foram um espaço temporal e social em que os trabalhadores mostraram determinação de ampliar os espaços de participação, investindo na construção de uma sociedade justa e democrática.

No tempo de acelerado em que vivemos, é cada vez mais raro o intercâmbio de experiências que liguem o passado ao presente. Por isso Benjamin se pergunta: qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural se a experiência não mais o vincula a nós? Nesse contexto, ganha importância a transmissão do passado, para a preservação da memória, *a salvação do esquecimento*. É importante evocar essas memórias, lembranças de uma época em que havia disputa de projetos políticos e pessoas de tal modo empenhadas neles a ponto de dar a própria vida. Um quadro bem distante desse mundo sem utopias tal como o conhecemos.

A política tem estreita relação com a memória que é elemento constitutivo da identidade. As vitórias e derrotas políticas têm implicação direta nos mecanismos de produção, controle e transmissão da memória. Por isso, memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais que opõem grupos políticos. Por isso, protagonistas e opositores do levante de 1935, vencedores e vencidos, reivindicam o monopólio da verdade histórica.



Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das preocupações das classes, grupos e indivíduos. Os esquecimentos e silêncios da história revelam os mecanismos de manipulação da memória coletiva. Nessa perspectiva, os movimentos populares são objeto de dupla repressão: tentativas de impedir ou penalizar sua ação, ou, omitir suas experiências nas obras oficiais, condenando-os assim ao isolamento e ao silêncio.

Portanto, Senhor Presidente, a realização da Sessão Solene está inscrita nas preocupações expressas pelo historiador Eric Hobsbawm, ao afirmar que *“a destruição dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à de gerações passadas, é um fenômeno lúgubre. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”*.

Sala das Sessões, em \_\_\_\_\_ de 2005.

Dep. Fátima Bezerra - PT/RN



2F55F09903